

A Sociologia volta aos currículos escolares: dificuldades e perspectivas

Josilene Pequeno de Souza – UFPB

josipequeno@hotmail.com

Paula Renata Cairo do Rego – UFPB

paulacairo71@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo trazer, a partir das teorias estudadas em sala de aula, uma descrição do primeiro contato de nós alunas da licenciatura de Ciências Sociais com a escola, aqui especificamente com a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Compositor Luís Ramalho, mais precisamente de como esta escola tem lidado com a inclusão da Sociologia no ensino médio. Primeiramente, trataremos o que defendem os autores estudados em sala de aula sobre o referido tema e, posteriormente, a experiência prática vivenciada no contato com a escola sobre esta inclusão. Depois de apresentada a parte teórica sobre a inserção da sociologia no ensino médio, fomos a escola para verificarmos, na prática, como se dava essa nova fase da Sociologia de volta às salas de aula.

PALAVRAS-CHAVE: escola, sociologia, ensino médio.

Este artigo tem como principal objetivo trazer, a partir das teorias estudadas em sala de aula, uma descrição do primeiro contato de nós alunas da licenciatura de Ciências Sociais com a escola, aqui especificamente com a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Compositor Luís Ramalho, mais precisamente de como esta escola tem lidado com a inclusão da Sociologia no ensino médio.

Primeiramente, trataremos o que defendem os autores estudados em sala de aula sobre o referido tema e, posteriormente, a experiência prática vivenciada no contato com a escola sobre esta inclusão.

Segundo Silva (2007) os argumentos para a inclusão da sociologia no ensino médio são os mais variados possíveis, pois dependem muito das concepções dominantes sobre educação, sociedade, Estado e ensino. Principalmente, porque são dessas

concepções que dependem os modelos de currículos, currículos estes que ao longo da história e do papel da sociologia vão se alterando. Os currículos são, por sua vez, a materialização das lutas em torno do tipo de educação que os grupos sociais desejam implementar na sociedade.

Ainda de acordo com Silva (2007, p. 419):

a construção de uma compreensão mais ampla sobre esse processo, de inclusão da sociologia nos currículos do ensino médio, chegou em uma nova fase, a partir do documento do MEC, de 2004, intitulado *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, demonstrando um novo patamar de definições de princípios para a reformulação curricular e, conseqüentemente, para o ensino de sociologia.

Segundo Silva (2007) nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, Moraes, Guimarães e Tomazi (2004), autores do texto, criticaram os PCNs-Sociologia e as DCNEMs, trazendo novas posições sobre o papel da sociologia nos currículos do ensino médio. Para eles, a sociologia deveria ser compreendida como disciplina do núcleo comum do currículo, de modo que deveria haver um esforço no sentido de elaborar propostas de conteúdos e de metodologias de ensino que estivessem de acordo com o propósito do Ensino Médio, da juventude e das escolas. O texto publicado no documento *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, se apresenta como uma proposta de rompimento com os PCNEMs e sobretudo com as DCNEMs, o que provocou um debate no interior do MEC. Segundo estes autores, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio de 1998 não cumpriam a LDB, pois não garantiam que os currículos oferecessem os conhecimentos de sociologia, sendo apresentada apenas como temas transversais.

Segundo Moraes (2006, p. 105),

a presença da sociologia no currículo do ensino médio tem provocado muita discussão. Além dessa justificativa que se tornou *slogan* ou clichê - “formar o cidadão crítico” -, entende-se que haja outras mais objetivas decorrentes da concretude com que a sociologia pode contribuir para a formação do jovem brasileiro: quer aproximando esse jovem de uma linguagem especial que a sociologia oferece, quer sistematizando os

debates em torno de temas de importância dados pela tradição ou pela contemporaneidade. A sociologia, como espaço de realização das Ciências Sociais na escola média, pode oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo dessas ciências, resultados das pesquisas as mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, [...]. É possível, observando as teorias sociológicas, compreender os elementos da argumentação – lógicos e empíricos – que justificam um modo de ser de uma sociedade, classe, grupo social e mesmo comunidade. Isso em termos sincrônicos ou diacrônicos, de hoje ou de ontem.

É importante destacar também que:

entende-se que esse duplo papel da sociologia como ciência – desnaturalização e estranhamento dos fenômenos sociais – pode ser *traduzido* na escola básica por *recortes*, a que se dá o nome de disciplina escolar. Sabemos, mas sempre é bom lembrar, que os limites da *ciência* Sociologia não coincidem com os da *disciplina* Sociologia, por isso falamos em tradução e recortes. Deve haver uma *adequação* em termos de linguagem, objetos, temas e reconstrução da história das ciências sociais para a fase de aprendizagem dos jovens – como de resto se sabe que qualquer discurso deve levar em consideração o público-alvo. (MORAES et al, 2006, p. 107)

Segundo Silva (2007, p. 421), “[...] um dos problemas do ensino de sociologia nas escolas é o não compromisso dos cursos de ciências sociais com a formação de professores para o ensino médio. Não é novidade que a licenciatura é negligenciada nos cursos, desvalorizada e deixada de lado”.

De acordo com Freitas (2007) a reinserção da sociologia como disciplina obrigatória no ensino médio traz alguns desafios para o sistema de ensino brasileiro. Essa reinserção vai apresentar dificuldades de modo que é necessário que todos os envolvidos neste processo entende-se aqui, principalmente, Secretaria de Educação, comunidade escolar, professores e centros de formação assumam um compromisso

verdadeiro no sentido de aproximar a sociologia do ensino médio. Enfrentar essa nova realidade é um desafio para as instituições e profissionais vinculados ao ensino. A exclusão da sociologia do currículo do ensino médio em muito contribuiu para o distanciamento da mesma em relação aos problemas educacionais. Agora com a reinserção da sociologia no currículo do ensino médio acredita-se que ocorrerá uma reflexão acerca do processo educacional na vida social e, conseqüentemente, o revigoramento das investigações deste fenômeno sob uma perspectiva sociológica.

Diante desta reinserção cabe aqui perguntar: afinal de contas, qual é a sociologia que vai ser ensinada no ensino médio?

De acordo com Silva (2007, p. 422):

pensar o ensino de sociologia no ensino médio passa pela nossa compreensão sobre a educação, ou seja, sobre que tipo de educação desejamos. E isso não é fácil de ser definido porque depende do embate, do conflito entre inúmeros projetos de sociedade em disputa entre nós cientistas sociais, entre os grupos que têm acesso aos aparatos do estado, que definem as políticas, entre os professores das redes pública e privada, e assim por diante.

Assim, a sociologia que será ensinada no ensino médio dependerá do tipo de escola, de próprio ensino médio e do currículo que será definido para tal.

Para Silva (2007) é necessário que haja alguns critérios com relação às metodologias de ensino que vão orientar a seleção de conteúdos e dos recursos e técnicas a serem desenvolvidos nas escolas. Segundo ela, “é preciso que a disciplina se consolide nos currículos para que se estimule a produção de materiais didáticos, assim como para que mais graduandos concluam a habilitação de licenciatura e que se interessem pelo ensino médio”. Ela reafirma que,

a sociologia deve fazer parte dos currículos, mas não de qualquer tipo de ensino médio ou de qualquer currículo. Pensar na sociologia no currículo de ensino médio, nos obriga a pensar antes de mais nada, na educação brasileira, no papel do ensino médio e na formatação de seus currículos. É uma tarefa fundamental para os cientistas sociais abrigados nos

departamentos das universidades públicas. (SILVA, 2007, p. 422-423)

Segundo Ribeiro (2009, p. 57),

se pensarmos numa educação que pretende formar um indivíduo mais consciente e reflexivo, não podemos negligenciar a formação do conteúdo disciplinar e metodológico. Há de se pensar com cuidado *o quê* e de forma clara, *como* será composto o plano de curso. Por isso, é relevante enquanto prática pedagógica, fazer ligações do conhecimento sociológico e filosófico com a realidade do aluno. Desse modo, permitir que aluno pense e assuma a posição de sujeito do meio social do qual ele faz parte.

Ela acrescenta, “agora, com a obrigatoriedade do ensino de sociologia e de filosofia nos três anos do ensino médio, o desafio reside na passagem ou transposição do conhecimento teórico adquirido na ‘academia’ para a educação básica [...]”. (RIBEIRO et al, 2009, p. 57).

Segundo Braga (2009, p. 165) “diante dos desafios impostos pela reintrodução da sociologia no ensino médio, algumas questões a serem respondidas pelo nosso campo disciplinar permanecem”. Uma das questões que Braga coloca é se é conveniente trazer para o ensino médio uma *sociologia profissional* e em caso positivo como isso deveria ser feito. Por *sociologia profissional* o autor entende o *habitus* sociológico fundamentado pelo conhecimento instrumental ou positivista, cujas audiências são predominantemente acadêmicas. Nas palavras do autor, “trata-se, [...], da fração hegemônica da comunidade sociológica nacional cujos principais interesses se encontram orientados na direção da pesquisa científica financiada pelo Estado ou por fundações privadas de fomento”. (BRAGA, 2009, p. 166).

Nesse sentido, Braga (2009) afirma ironicamente que a referida *sociologia profissional* foi bem sucedida em diversificar seus interesses de pesquisa, em consolidar seus programas de pós-graduação, em garantir um lugar de importância no interior das agências nacionais de fomento à ciência e, sendo assim, se preocupar agora com a formação de professores de sociologia para a rede escolar poderia ser um contratempo, na medida em que teria que desviar suas energias do seu campo de interesse, ou seja, da

pesquisa provedora de recursos e de prestígio em benefício próprio daqueles que a praticam.

E por que esta preocupação do autor com a *sociologia profissional*? Justamente porque segundo Braga (2009) esta sociologia terá primeiro: “um papel destacado na definição dos conteúdos curriculares que nortearão a reintrodução da disciplina” e, segundo: “por intermédio dos cursos de graduação, continuará a formar sociólogos que eventualmente atuarão como professores no ensino médio”. (BRAGA, 2009, p. 166-167).

Braga (2009) apresenta ainda um outro dado importante:

apenas 2.500 professores de sociologia que ensinam atualmente nas diferentes redes estaduais são licenciados na área. O restante deles, nada menos do que 17.500 professores, de acordo com o próprio Ministério da Educação, graduou-se em disciplinas tão diferentes como história, geografia, português, psicologia ou filosofia, e necessitarão de formação suplementar – ou seja, deverão recorrer a *sociologia profissional*. (BRAGA, 2009, p. 167).

Segundo o autor a *sociologia profissional* não terá força suficiente para pressionar e para impor conteúdos, metodologias ou mesmo as políticas ideais e mais afinadas com o propósito de assegurar um ensino de excelência da sociologia.

De acordo com Braga (2009) é necessário ir além do problema das diretrizes curriculares, deve existir, para ele, uma preocupação com a questão da formação dos professores.

Se nós dependemos dos sistemas oficiais de ensino no tocante à implantação do currículo de sociologia, por um lado, e das faculdades de educação naquilo que se refere à formação dos professores, por outro, isso não significa que os cursos de ciências sociais não possam arquitetar uma intervenção consciente e autônoma na reintrodução da sociologia no ensino médio. (BRAGA, 2009, p. 168).

Mas como fazê-lo? A sugestão do autor é que aproveitemos o que a *sociologia profissional* – especialmente a sociologia da educação – tem de melhor, mas com o

objetivo de ir além. A sua proposta é a de promover o contato do estudante de sociologia com o estudante do ensino médio por meio do que ele chama de *sociologia pública*. Ou seja, a partir da realidade do estudante da rede pública, com o instrumental teórico e metodológico da sociologia, trazer uma experiência a partir de uma imaginação sociológica crítica e militante, fortemente influenciada pelo marxismo crítico. De modo que a sociologia dê a sua contribuição para uma escola emancipada e um país igualitário.

Para tanto, entendo ser absolutamente necessário o fortalecimento de uma prática sociológica distinta da *sociologia profissional* – capaz de, a um só tempo, nutrir-se da sofisticação de seus métodos e superar seu refúgio acadêmico. Necessitamos, também, de uma *sociologia crítica* pronta a inquirir teoricamente tanto o ‘valor’ como os valores, mas que seja capaz, além disso, de atravessar as fronteiras da universidade para enredar-se na sempre complexa trama das lutas sociais autênticas. (BRAGA, 2009, p. 170).

Braga (2009) acredita que:

na atual situação, [...], do ponto de vista de nossos estudantes, responder aos desafios da implantação da sociologia no ensino médio em escala nacional priorizando os temas dessa sociologia da educação *profissional* é algo insatisfatório. Na realidade, devemos construir com eles um campo reflexivo comum que, aproveitando seus múltiplos interesses de pesquisa, faça da escola um autêntico ‘laboratório’ de experiências e ensinamentos a que eles, de outra forma, jamais teriam acesso. (BRAGA, 2009, p. 169).

Depois de apresentada a parte teórica sobre a inserção da sociologia no ensino médio, fomos a escola para verificarmos, na prática, como se dava essa nova fase da Sociologia de volta às salas de aula.

Escolhemos a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Compositor Luís Ramalho, localizada no bairro Mangabeira I.

Na primeira visita que fizemos a referida escola tratamos com a vice-diretora que nos recebeu rapidamente em virtude da escola estar desenvolvendo uma atividade de avaliação profissional que envolvia todos os funcionários da mesma. O tempo foi suficiente para nos apresentarmos e falarmos do objetivo de estarmos ali. Explicada a nossa situação a mesma concordou em conversar informalmente sobre a situação da escola com relação à inserção da sociologia no ensino médio.

Fomos informadas que há mais ou menos quatro meses tinha chegado ali um professor de sociologia, recém aprovado em concurso público feito pelo governo do estado. A vice-diretora não parecia estar bem interessada no assunto ou muito menos bem informada sobre o mesmo, não entrando em muitos detalhes, e não sabendo nem mesmo o nome do professor recém chegado. Enfim, ficamos de voltar com uma documentação da universidade que justificasse a nossa estada ali e que comprovasse a nossa versão sobre o assunto, feito isto, as portas da escola estavam abertas para o nosso estágio.

Na segunda visita e com a documentação que comprovava o nosso estágio nos encontramos com o diretor da escola em sua sala, atencioso e simpático, demonstrou estar disposto a nos ajudar. Ao chegarmos, ele estava em reunião com umas das supervisoras que a escola possui. Ali mesmo nós quatro começamos a conversar sobre o nosso estágio. Inicialmente, conversamos sobre a educação em geral e sobre as dificuldades que enfrenta hoje a escola pública.

A supervisora demonstrou como preocupação principal o fato de que a educação se resume hoje em passar no vestibular. Segundo ela, os alunos estão preocupados em aprender os assuntos relativos ao vestibular, ou seja, por causa da lógica de mercado que as escolas particulares apresentam, no que diz respeito ao ensino médio totalmente voltado para o Processo Seletivo Seriado (PSS), a escola pública termina por se basear nesta mesma lógica, promovendo simulados e contabilizando a qualidade de sua educação baseada na quantidade de aprovados no vestibular, o que por sua vez compromete a qualidade do ensino e por consequência da aprendizagem, enfim, compromete a qualidade da educação. Esta educação por sua vez não é voltada para uma formação cidadã, ou seja, não é uma educação para a vida, mas sim uma educação instrumental. A educação se tornou uma mercadoria e está longe de atender àqueles que seriam os objetivos da educação básica. Nesse sentido, a Sociologia desperta pouco interesse por parte do alunado pois não é cobrada no vestibular.

Na terceira visita já estávamos mais familiarizadas com a escola e por consequência mais a vontade. Falamos novamente com a vice-diretora, inicialmente, sobre a infra-estrutura escolar e sobre o ensino médio especificamente.

Além das salas de aula a escola possui quadra poliesportiva (jogos escolares e educação física), biblioteca, laboratório de Ciências (biologia), laboratório de informática, sala de multimídia (onde além de vídeos são oferecidas palestras entre outros). A escola oferece 15 turmas para o ensino médio: uma turma pela manhã, dez turmas à tarde e quatro turmas à noite, com uma média de quarenta alunos por turma. Também oferece aos alunos acompanhamento psicológico, feito por duas psicólogas.

Segundo a vice-diretora esta escola não é considerada violenta, pois raramente apresenta entre os seus alunos casos de violência ou agressões físicas. O uso de drogas, segundo ela, mesmo tendo um programa de prevenção – através de palestras – é detectado entre um aluno ou outro e não dá para negar. Os seus alunos são oriundos basicamente dos Bairros de Mangabeira e Valentina.

Sobre a evasão escolar, ela afirma que acontece principalmente entre os alunos do 2º ano que saem da escola à procura de um trabalho, no início do ano, em tempo de matrícula, matriculam-se em média 45 alunos e só 15 frequentam até a conclusão.

A diretoria da escola é eleita pela comunidade escolar (alunos, funcionários e pais dos alunos), os pais por sua vez são pouco atuantes, só aparecem na escola quando são chamados em virtude de alguma indisciplina dos filhos. Gazejar aulas é muito comum nesta escola, segundo a vice-diretora, os inspetores tentam contornar esta situação através de um trabalho de conscientização – que funciona mais com os alunos do ensino fundamental do que com os alunos do ensino médio – mas nem sempre conseguem, quando não gostam da aula, os alunos não se sentem constrangidos em abandonar a sala, mesmo não podendo sair da escola eles ficam conversando no pátio e nos corredores. Durante nossas visitas à escola pudemos observar vários alunos conversando no pátio e nos corredores. O namoro também é muito comum, de acordo com a vice-diretora, há muitos casais na escola, segundo ela, muito dos namoros são escondidos dos pais, o que estimularia o gazeamento das aulas.

A quarta visita foi bastante proveitosa, pudemos conhecer melhor as dependências da escola – fomos acompanhadas pela coordenadora pedagógica que nos recebeu muito bem e demonstrou bastante entusiasmo com a nossa presença – e ainda tivemos a oportunidade de conversar com alguns alunos do ensino médio sobre a inclusão da Sociologia como disciplina no currículo.

Fotografamos alguns ambientes da escola para colocar neste relatório. Chegando na biblioteca, ao final deste trabalho de fotografar os ambientes escolares, conversamos um pouco com a bibliotecária sobre sua rotina na mesma.

Segundo a bibliotecária, a biblioteca tinha passado por uma reforma recentemente e se tornou mais ventilada e mais visível, antes a mesma estava em um lugar mais escondido no fundo da escola em um ambiente com pouca ventilação. Os alunos não se interessavam pela biblioteca, com a reforma esta situação mudou, os alunos do 2º ano e do 3º ano são os que mais freqüentam a biblioteca, assim como alguns professores. Os alunos do primeiro ano raramente aparecem.

As alunas se interessam em fazer seus trabalhos e levar para casa livros de romances, já os meninos se interessam mais pelos livros didáticos. A biblioteca recebe os livros do governo do estado ou através de doações da comunidade, de ex-alunos, etc. Segundo ela, mesmo com as doações a biblioteca carece de um material mais atualizado: mapas, dicionários de português e inglês, entre outros. Segundo a bibliotecária mesmo com a reforma a biblioteca precisaria de um espaço maior tendo em vista que alguns alunos quando tem aula vaga procuram ficar na biblioteca.

Depois de conversarmos com a bibliotecária e ainda na biblioteca, observamos alguns alunos do 1º ano estudando, nos aproximamos, nos apresentamos e perguntamos se poderíamos conversar sobre a experiência com a Sociologia na sala de aula. Inicialmente eles ficaram receosos com a possibilidade de serem identificados, mas quando garantimos que isto não aconteceria eles aceitaram conversar conosco.

Numa mesa redonda, literalmente, estávamos nós (Josilene e Paula) e os cinco alunos (quatro meninas e um menino), observando nossa conversa estavam a bibliotecária e a coordenadora pedagógica.

Começamos perguntando o que eles pensavam ser a Sociologia, eles responderam que era uma disciplina que serviria para entender melhor a vida, mas que infelizmente era uma disciplina pouco atrativa principalmente pela maneira como era desenvolvida em sala de aula, todos responderam que não gostavam da disciplina.

Em seguida começaram a falar da postura do professor, afirmaram não gostar da postura dele na sala, ou seja, da maneira como ele conduzia a disciplina. Segundo eles, o professor é recente na escola (mais ou menos quatro meses) e não se envolve com a turma (é frio), deveria ouvir os alunos, não tem criatividade para trabalhar, só passa trabalhos de pesquisa na internet e não teria uma metodologia adequada para o

aprendizado da Sociologia, parecia que não planejava as aulas, o professor falava e eles não entendiam.

Além disso, eles se interessaram mesmo foi em falar da aparência do professor. A aparência é algo muito importante e valorizado por eles. Disseram que a sua aparência é muito doida, que ele parece uma pessoa perturbada e o identificaram como um hippie tardio, como alguém que não passava credibilidade. Além disso, o encontraram algumas vezes no bairro, bebendo nos bares e até mesmo deitado no chão nas ruas, para eles isso foi muito ruim para a imagem do professor. Pois, na opinião deles o professor é sempre um exemplo e a postura dele, mesmo fora de sala, é fundamental para que ele seja respeitado.

Enfim, chegaram à conclusão que até gostam da Sociologia, mas não gostam é do professor. Segundo eles, se mudassem o professor e a disciplina fosse dada de outra forma até gostariam da mesma. Na opinião deles, a Sociologia deveria ser uma disciplina mais dinâmica, mais próxima da realidade deles. Antes do professor passar trabalhos de pesquisa deveria tratar do assunto em sala de aula e não simplesmente dar um tema e pedir para que eles pesquisassem na internet. O aluno deve ter uma base inicial, dada pelo professor na sala, uma aproximação do tema estudado com a realidade, só assim a Sociologia faria sentido. Já a pesquisa, por sua vez, deveria ser uma consequência da aula, depois que o tema fosse desenvolvido na mesma.

Relataram ainda um exemplo de uma aula sobre ONG's, em que o professor chegou na sala e mandou eles fazerem um trabalho de pesquisa sobre as ONG's, sem falar nada sobre o assunto, segundo os alunos a maioria nunca tinha ouvido falar sobre este tema.

Percebemos que o que existe neste caso em particular é um distanciamento do professor com relação aos alunos, ou vice versa, pelo menos é o que nos permitiu perceber a versão dada pelos alunos. Tentamos entrar em contato com o professor para ouvirmos a sua versão, mas infelizmente ele não se encontrava em João Pessoa. Descobrimos que ele é de Recife e que como as aulas já estavam finalizadas ele não se encontrava na cidade, mas é possível que em um outro momento ou até mesmo no Estágio supervisionado III possamos dar continuidade a esta pesquisa e com isso nos aprofundarmos e acompanharmos melhor as questões práticas que envolvem essa inclusão.

Pudemos perceber que os desafios da inclusão da Sociologia – como vimos inicialmente – realmente são muitos. O trabalho será árduo. A luta para constituir uma

disciplina aparentemente sem muita importância para o que se tornou a educação nos dias de hoje é grande. Mas com o tempo acreditamos que isto será possível, na medida em que os atores participantes deste processo se empenharem a Sociologia terá o seu papel reconhecido na educação, na escola e principalmente na sociedade.

REFERÊNCIAS:

BRAGA, Ruy. Atravessando o abismo: uma sociologia pública para o ensino médio. In: BRAGA, Ruy; BURAWOY, Michael (Orgs.). *Por uma sociologia pública*. São Paulo: Alameda, 2009.

FREITAS, Revalino Antônio. *Estágio supervisionado: espaço privilegiado de formação na licenciatura em ciências sociais*. (XIII Congresso Brasileiro de Sociologia). Recife: UFPE, 2007.

MORAES, A.C.; TOMAZI, N.D.; GUIMARÃES, E.F. *Orientações curriculares nacionais para o ensino médio: Sociologia*. Brasília: MEC/SEB, 2006.

_____. Análise crítica das DCN e PCN. In: *Seminário Orientações Curriculares do Ensino Médio*, 2004, Brasília: MEC/SEB, 2004, v.1.

RIBEIRO, Adélia Maria Miglievich et al. Sociologia e filosofia nas escolas de ensino médio: ausências, permanências e perspectivas. In: HANDFAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (Orgs.). *A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.

SILVA, Ileizi Fiorelli. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. *Cronos*, Natal-RN, v.8, n.2, p.403-427, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.rbgdr.net/extra_n01/artigo9.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2009.